

Gustavo Bernardo

A dignidade singular

Falo agora do prazer de reencontrar um exemplo de dignidade singular. Trata-se de uma bela senhora, hoje com 85 anos de idade. Permitam-me contar brevemente a sua história. Quando essa senhora tinha 19 anos e se chamava Edith Barth, seu país foi invadido pelos nazistas. Com a família e o namorado, fugiu para a Inglaterra e depois para o Brasil.

Tiveram de comprar certidões de batismo: por serem judeus, não seriam aceitos no país do Estado Novo. A viagem de navio foi longa, para fugirem dos submarinos alemães. Às vezes, alguém via um periscópio e se assustava. Chegaram bem, no porto do Rio de Janeiro, mas depois souberam que o mesmo navio que os deixou foi afundado na volta para a Europa. Todos os tripulantes morreram.

Edith se casou com o namorado no Rio de Janeiro e depois se mudaram para São Paulo. Tiveram três filhos e uma vida de muito trabalho. Ambos tinham começado cursos universitários em Praga, mas o Brasil não aceitou seus diplomas. O marido tornou-se filósofo sem diploma e professor universitário, publicando em várias línguas. Em 1971 saíram do Brasil e viajaram pela Europa, fazendo palestras, estabelecendo-se finalmente em Robion, na França, em 1981. Em 1991, voltaram pela primeira vez a Praga. Num acidente de trânsito próximo à cidade, o marido de Edith perde a vida.

A viúva passa a viver com a filha mais velha, Dinah, diplomata brasileira. Vivem na Alemanha, na Holanda, em Barbados (onde as encontrei pela primeira vez) e finalmente se instalam em Nova York, preocupadas em ampliar as oportunidades de Benjamin. Edith divide as tarefas da casa com a tradução contínua dos textos do marido, do português para o alemão. Seu filho mais novo, Victor, mora na França e é professor de música. Apenas Miguel, o filho do meio, ficou no Brasil.

É na chácara de Miguel, em Itatiba, São Paulo, que as reencontrei. Depois de muitos anos, Edith voltava ao Brasil. A determinação parece a daquela jovem que fugiu dos nazistas atravessando a Europa. A lucidez irônica é a de quem assumiu na prática várias perspectivas em vários continentes, o que lhe garantiu o ceticismo necessário para sobreviver com alguma alegria. É essa alegria que manifesta por reencontrar o filho e receber em mãos um livro que o marido escrevera em 1965 e, 40 anos depois, está sendo reeditado. É essa alegria que constitui a dignidade singular.

Conversamos sobre o livro do marido, reeditado agora pela editora Annablume, cujo título é *A História do Diabo*. Nesse ponto, os leitores terão deduzido que Edith é a viúva de Vilém Flusser, o filósofo tcheco-brasileiro conhecido como o “Walter Benjamin da pós-modernidade”.

Flusser considerava imperioso desconfiar dos “ismos” e em particular do patriotismo. A sua condição de eterno imigrante conferia autenticidade a suas teorias. Entendia que imigrante é não só o judeu expatriado nem apenas o intelectual que migra de seminário em seminário, mas também o refugiado e o flagelado. Imigrar representa sofrimento mas também crise e criatividade, como o mostram “os vietnamitas na Califórnia, os turcos na Alemanha, os palestinos nos emirados, os nordestinos em São Paulo, os cientistas poloneses em Harvard”. Todos os imigrantes seriam “seres tomados de vertigem”, assumindo a função de promover a desconfiança na pátria. Para Flusser, o patriotismo é sintoma de uma enfermidade estética, na medida em que transforma o hábito – “a camada de algodão que encobre os fenômenos e ameniza as rebarbas” – em fetiche.

Flusser supôs o intelectual como um imigrante permanente porque sempre estaria saltando “de escolha para escolha em busca de multiplicidade de pontos de apoio”. O elogio do imigrante se relaciona com o elogio análogo da tradução: o homem deve se definir como um estrangeiro no mundo, buscando traduzir-se e traduzir o outro. Esta definição nos lembra Fernando Pessoa: “Estou só no mundo. Ver é estar distante. Ver claro é parar. Analisar é ser estrangeiro”. O estrangeiro sofre, porque não pertence plenamente a um grupo. Mas, pela mesma razão, o estrangeiro se desilude menos. Precisaríamos aprender com ele a assumirmos a condição de estrangeiros na própria pátria, enfraquecendo assim as noções de “pátria” e “partido” que tanto se misturaram.

Flusser escreveu *A História do Diabo* em alemão e o traduziu para o português. Parodiando os textos sagrados, ele nos conta que, quando Deus criou os céus e a Terra, arrancou um pedaço do puro ser para mergulhá-lo na correnteza do tempo. No início, Deus criou o início, isto é: o tempo. Ora, o que é o tempo se não o Diabo? Logo, o Diabo é uma bela convenção dramática de Deus. Vilém não escreve contra Deus mas sobre o Diabo: um Diabo perigoso que se faz criminoso para ser artista, torna-se artista para ser criminoso, cria leis para poder infringi-las, infringe leis para poder criar novas leis, forja conceitos para nublar a verdade, ilude para melhor desiludir.

O Diabo é o primeiro patriota. O amor do patriota à nação substituiu o amor do homem à mulher, se os nacionalismos se forjaram a partir do romantismo. A mente nacionalista comporta-se como se não fosse pecaminosa, enchendo o ar com exclamações altissonantes tal como se fosse a própria voz da consciência tranqüila. Cantam-se hinos militares ou gritam-se palavras de ordem sempre a plenos pulmões, enquanto se mata quem nunca se tinha visto antes, enquanto se

morre nas mãos de quem não nos conhece, enquanto se rouba em nome da ética ou dos fins que justificam os meios. Por isso “o nacionalismo é uma das vitórias mais impressionantes do diabo”, tanto que toma múltiplas formas à direita e à esquerda.

O “povo” ou a “nação” são objetos fictícios. Essa ficção se torna doentia porque não se reconhece como ficção. O amor à mulher implica risco enorme, mas por isso mesmo contém o caminho rumo ao transcendente. O amor à nação ou ao partido implica perigo político mas não representa risco existencial. No seu entender preciso, “o nacionalismo é uma secreção sublimada de testículos estancados”. Esse nacionalismo é fenômeno recente. Se até certo momento a divisão da humanidade em “povos” era fato aceito como castigo pela construção da Torre de Babel, a partir dos românticos alemães se opera o milagre às avessas de recheiar de luxúria um conceito vazio. A praga babélica transforma-se em motivo de orgulho. O filósofo contabiliza: “é enormemente fecunda essa inovação introduzida pelo idealismo: já produziu pelo menos quatro guerras, incontáveis fornos de incineração, e revoluções sangrentas”. Ele alerta: “como continuam acesas as chamas do amor patriótico em incontáveis corações, é impossível prever futuros resultados”.

Vilém não podia mesmo prever os massacres hediondos que se dariam ao final do século, próximo à sua terra natal, em nome de micro-nacionalismos. Também não podia prever os novos imigrantes, que tomam a cidadania do país que os recebe para depois se explodirem como terroristas kamikases. Todavia, ele não se espantaria. No Brasil, ele poderia talvez prever o messias operário, se viveu em São Paulo, mas teria dificuldade em prever desdobramento tão tosco, na hora em que esse messias chegasse ao poder. No entanto, sua teoria nos vale antes pela ilusão que desvenda. O problema é anterior e reside na ilusão do nacionalismo e, conseqüentemente, na necessidade psicótica de “salvar a pátria”, nada mais do que o avesso do movimento de “dominar o mundo” de sumidades como o Pink e o Cérebro.

A *História do Diabo*, relançado 40 anos depois, foi entregue nas mãos de Edith Flusser pelo editor, José Roberto Barreto Lins. A releitura do livro nos alimenta da ironia e da auto-ironia de que andamos tão carentes para compreender mais essa reviravolta do jogo político e social. A cena do livro sendo entregue nas mãos da viúva do autor, viúva esta que há anos traduz e retraduz os textos do seu marido, “o Benjamin da pós-modernidade”, nos devolve não a esperança, que nem precisamos dela, mas sim a possibilidade singular da dignidade.

Jornal do Brasil, 10 de setembro de 2005